

O TEXTO HISTÓRICO EM DISCURSO: ONDE ESTÃO OS QUEERS NA CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA?

Vitor Naoki Miki Gomes¹; Fábio Vergara Cerqueira²

1. INTRODUÇÃO

Esse texto é um recorte da nossa pesquisa de mestrado: *Priapéia, uma história de repressão e resistência*: As implicações da transformação na moral sexual da cultura dominante e subcultura homoerótica, da república tardia ao império inicial (Séc. I. A.C -II. D.C) (2021), vinculada ao programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Pelotas (PPGH-UFPEL); e ao Laboratório de Estudos em Cerâmica Antiga, da mesma instituição federal, (LECA-UFPEL).

No texto, pensamos ser de fundamental questão incluir os excluídos da história em nossa produção historiográfica, chamando atenção para o dever moral e os comportamentos éticos esperados pelos profissionais historiadores (KNAUSS, P. 2008; PROST, A. 2014), apontamos uma falha moral de nossa produção e subjetividade profissional. Logo, o debate por nós suscitado é referente a epistemologia de nosso conhecimento científico, cujo objetivo principal se torna propor uma resposta a essa questão particular da moralidade do historiador. Assim, propomos a *Queer Theory*, como leitura hermenêutica aliada a um viés híbrido desconstrucionista e construcionista: “nesse caso a modalidade construcionista dominante estaria combinada com elementos de um desconstrucionismo flexível” (VAINFAS, 2012, p. 328) que possibilita a nossa episteme um pensar mais abrangente, mais ético e mais empático.

Desse ponto, surge a necessidade de estudarmos a formação da identidade de todos os atores sociais do meio social – no dever moral–; de os inserir na historiografia e de informar aos nossos leitores sobre a pluralidade dessas subjetividades e práticas sociais. Reiteramos que muitas vezes as identidades sociais *não normativas* se encontram desprivilegiadas dessa “responsabilidade moral” e da “relação de confiança” (KNAUSS, P., 2008, p. 146; OHARA, J. R. M., 2019, p. 11), e, portanto, descarecidas de “memória, sem história, sem registros” (ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M., 2015, p. 27).

Digressando em nossa história de infeliz repressão, podemos perceber dois usos de uma mesma fonte histórica, o mito de Laios. Expomos que Robert Flacelière (1960) em *Love in ancient Greece*, ao analisar o mito na lógica do discurso científico masculino tradicional (ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M., 2019), realiza uma transposição de seus valores morais interpretando o mito “a partir do seu repúdio à homossexualidade propriamente dita em seu lócus sócio cultural. Todo o seu repúdio à homossexualidade é transferido para o mundo grego.” (BARBO, D., 2009, p. 139) Logo Flacelière, constrói uma narrativa histórica que além de ser anacrônica, é impotente em sua representação histórica. Em contra partida, ao construirmos um olhar analítico *queer* historiográfico a respeito da mesma fonte, conseguimos inserir o mito enquanto um discurso e analisar esse a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (PPGH/UFPEL). E-mail: miki_naoki@live.com

² Prof. Dr. vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (PPGH/UFPEL). E-mail: fabiovergara@uol.com.br

partir do contexto social pertencente a sua própria temporalidade. E simultaneamente, ao traduzir essa alteridade para contemporaneidade –traçando paralelos– sociabilizamos empaticamente a pluralidade de subjetividades e práticas sociais resilientes ao discursos dominantes (MIKI, N., 2018)

Atentos a essas questões, nosso texto se constitui na proposta de utilização da *Queer Theory* como ponto de partida para a reflexão histórica, pois notamos que a “performatividade *queer*”, ou seja, o “projeto em andamento para transformar o modo como podemos definir – e quebrar – fronteiras identitárias” (BARBO, D., 2009., p. 252) se coloca extremamente importante tanto para os anseios sociais atuais, quanto para a correção do “*ethos*” de nosso conhecimento (KNAUSS, P., 2008, p. 146). Assim, chamamos a atenção para o fato de que as ideias *queer*³ e sua hermenêutica de leitura nos incentiva a pensar todos os atores históricos que resvalam a “normatividade” e que não são acessados pela lógica ética-epistemológica-discursiva histórica atual: a mulher, o homem homossexual, bissexual, a sexual, pansexual, demisexual...; o transgênero; o não binário⁴; entre tantas outras subjetividades provenientes das *linhas de inteligibilidades*⁵ do gênero (BUTLER, J., 2016) e de suas plurais performatividades que se desdobram em novas identidades sociais.

2. METODOLOGIA

Neste texto, realizamos considerações acerca o uso da análise de discurso na construção do conhecimento histórico. Percebendo esses enquanto fundamentais para a construção das plurais subjetividades. Para tanto, pensamos ser interessante o entrelaçar de duas perspectivas metodológicas (I e II) e de três visões epistemológicas (A, B, C), sendo todas hierarquicamente complementares.

Respectivamente: I) a utilização da análise de conteúdo na técnica de categorias analíticas. II) Aliada a análise de discurso, sendo essas, alocadas em subcategorias (BARDIN, 1997). Dessa forma, uma análise de discurso “que comece pela própria singularidade da fonte, [...] sua inserção na trama histórica de seu próprio tempo, na articulação com outra modalidade de fontes e de informações.” Como também, um olhar que preste atenção “nos conceitos que o sustentam, nas imagens que o compõem, nos enunciados que o constituem, nas estratégias narrativas aí presentes, nos lugares de sujeito e de objeto que são aí encenados e distribuídos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, M. D., 2015, p. 4-15). A) Utilização da tensão existente entre o estruturalismo e o pós estruturalismo (BRANDÃO, R. T. P., 2015), B) através do uso híbrido epistêmico entre o

³ Vale lembrar que *queer* é um xingamento em inglês, significando alguém esquisito, termo empregado em meados da década de 1980, nos Estados Unidos, para referir-se aos portadores do vírus HIV, epidemia que gerou um dos maiores pânico sociais de todos os tempos. Conforme Richard Miskolci (2012) a ideia por trás da *Queer Nation* era a de que parte da nação foi rejeitada e considerada abjeta por ser portadora do vírus, inclusive por aqueles que defendiam o orgulho gay e lésbico. Nesse sentido, o *queer* buscava tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das convenções culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos “normais” quanto dos “anormais” (Miskolci, 2012, pp. 26-27 — Apud Sanfelice P. P., 2016, p. 85)

⁴ Indivíduo que não se identifica com nenhum dos dois polos da normativo do gênero.

⁵ Por linhas de inteligibilidade podemos compreender: plurais maneiras de se ler os grupos de conceitos e noções simbólicas que constituem aquilo que chamamos por gênero. Perceber as diferentes possibilidades de leituras do gênero, leva Judith Butler (2016;2002) a arquitetar a noção de performatividade: “prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia”, percebido na “reiteração de uma norma ou conjuntos de normas sociais, e de fundamental participação na criação e manutenção das identidades” (Butler J., 2002, p. 152-53; ibidem., p.167).

construcionismo e o desconstrucionismo(CIRO; VAINFAS, 2012). C) Refletindo a construção discursiva histórica partir de um desconstrucionismo *queer*: o uso da abrangente e ética *Queer Theory*, no exponente de e sua hermenêutica de leitura e performatividade *queer*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de nossa pesquisa se encontrar em seu início, primeiro semestre do curso de mestrado em história, podemos afirmar que nosso olhar epistemológico: o pensar do desconstrucionismo em uma perspectiva *queer*, de forma complementar/secundária ao construcionismo resulta na flexibilidade de perceber os discursos realizados pelos atores históricos; no desconstruir das normas sociais, como também no construir da narrativa científica atenta a pluralidade das subjetividades; das práticas sociais; das identidades; logo, dos próprios contextos culturais. Para além disso, o *queer* historiográfico reiteraria a própria necessidade da constante (re)reflexão sobre a escrita da história. Entretanto, em demonstração de resultados, reiteramos o trabalho de iniciação científica do autor Vitor Naoki Miki Gomes (2018) sob o título: *Mito de Laíós*: limites do homoerotismo, um estudo sobre a artificialidade das convenções culturais, cuja discussão culmina na representação histórica abrangente da malha social da sociedade, percebendo as normas e as transgressões das normas culturais, e por conseguinte, as práticas sociais e subjetividades identitárias diversas pertinentes ao recorte dessa pesquisa: o homem ateniese masculino no séc. V.A.C.

Dessa maneira, expomos que a perspectiva *queer* na construção do saber histórico se apresenta em uma proposta epistêmico-historiográfica urgentemente relevante para a produção do discurso histórico, pois quebra as amarras discursivas de “cânones estabelecidos por uma comunidade dominada por senhores legítimos e superiores, quase sempre varões provecos e imponentes” (ALBUQUERQUE JURNIOR, D. M., 2019, p. 46) que praticam um empirismo que insuficiente para construção de seu próprio conhecimento científico, pois ao excluir personagens históricos de diferentes contextos histórico-culturais, se torna incapaz de cumprir seu dever ético-moral de produção da representação histórica.

4. CONCLUSÕES

Em nosso texto percebemos o historiador como um agente social, que além de ser responsável éticamente para com seus pares acadêmicos, se econtra em similar posição com o público em geral— a socieade. Logo, entendemos ser urgente a constante reflexão acerca de nossas condutas éticas e deveres morais enquanto profissionais, pois percebemos que a historiografia atua em “lugares de subjetividade”, cujo belíssimo ofício objetiva “traduzir a alteridade do passado”, e coloca o historiador na “responsabilidade de bem informar” o seu leitor (OHARA, J. R. M., 2019, p. 11).

Nesse sentido, apontamos uma falha ética na moral do profissional de história ao comunicar o passado ao seu leitor, uma vez que existem atores históricos excluídos do pensar historiográfico tradicional. Logo, em carater de inovação, elaboramos a proposta epistemológica do pensar *queer* historiográfico cuja abrangência empírica se destaca ao possibilitar a inclusão de todos os atores

históricos: os foras das normas socioculturais, como também os que as habitam; as regem; ou as refutam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. Escritos saídos do armário: correspondência íntima, escrita de si e identidade de gênero, **Revista Fênix**, v. 12, n. 2, p. 01-27, jul. Dez. 2015 [online].

_____. O passado, como falo?: o corpo sensível como um ausente na escrita da história. In: **O tecelão dos tempos (novos ensaios de teoria da história)**. São Paulo: Intermeios, 2019 . Cap. 2., p. 39-56.

BARBO, D. dos S. **Cultura política homoerótica entre a Grécia antiga e a (pós)modernidade**: Cientificismo, Literatura e Historiografia. 2009. 270 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Mato Grosso, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. Tradução de: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

BRANDÃO, R. T. P. Estruturalismo e pós-estruturalismo: uma arqueologia dos conceitos e o lugar ocupado por Foucault. **Estação Científica**: (UNIFAP), Macapá, v. 5, n. 1, p. 34-46, 01 jan. 2015. Semestral.

Butler, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARDOSO, C. F. S.; VAINFAS, R. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FLACELIÈRE, R. **Love in ancient Greece**. New York: Crown Publishers, Inc., 1962.

KNAUSS, P. Uma história para o nosso tempo: historiografia como fato moral. **História Unisinos**, v. 12, n. 2, p. 140-147, maio-agosto 2008.

MIKI, Naoki. **Mito de Laios**: Limites do homoerotismo, um estudo sobre a artificialidade das convenções culturais. 2018. 73 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018.

OHARA, J. R. M. Ética, escrita e leitura da história: os problemas da expectativa e da confiança. **Revista de História** (São Paulo), n. 178, p. 01-28, 2019 [online].

PROST, Antonie. A história como compreensão. In: **Doze lições sobre a História**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica 2014. Cap. VII., p. 133-152.

SANFELICE, Pérola de Paula. **Sob as cinzas do vulcão**: representações da religiosidade e da sexualidade na cultura material de pompeia durante o império romano. 2016. 286 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.